



CLIMA FAMILIAR, ESTILOS PARENTAIS E DESENVOLVIMENTO ADOLESCENTE EM CONTEXTO DE PANDEMIA DA COVID-19

Ana Claudia Pinto da Silva

Brasil - Rio Grande do Sul - Santa Maria - Universidade Federal de Santa Maria

Caroline Rubin Rossato Pereira

Brasil - Rio Grande do Sul - Santa Maria - Universidade Federal de Santa Maria

Naiana Dapieve Patias

Brasil - Rio Grande do Sul - Santa Maria - Universidade Federal de Santa Maria

Recebido em: 08/02/23

Aceito em: 04/03/26

RESUMO

Objetivou-se verificar associação entre o clima familiar (positivo e negativo) e estilos maternos e paternos, a partir da percepção de adolescentes brasileiros em contexto de pandemia da COVID-19. Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e correlacional, ou seja, voltado à identificação de relações estatísticas entre variáveis, sem estabelecer causalidade. Participaram 504 adolescentes brasileiros, com idades de 12 a 18 anos ($M=15,00$; $DP=1,97$), que responderam a um formulário *on-line*, composto por um questionário sociodemográfico, pela Escala de Responsividade e Exigência Parental e pelo Inventário de Clima Familiar - ICF. Para análise dos resultados, empregou-se a estatística descritiva, frequências, testes do Qui-quadrado, correlação de *Spearman*, regressão linear múltipla, teste *U* de *Mann-Whitney* e *Kruskal-Wallis*. Os principais resultados apresentaram associação entre o clima familiar positivo e negativo com os estilos maternos e paternos, assim como houve correlações positivas e negativas entre as variáveis das subescalas do ICF com a exigência, responsividade materna, paterna e combinada. Além disso, a responsividade materna foi identificada como preditora de clima familiar positivo. Por fim, sobre as comparações, percebeu-se a influência de fatores sociodemográficos associados a diferenças significativas entre os grupos por gênero, tipo de escola, faixa etária, regiões do Brasil e ocupações de mães e pais para o construto de clima familiar e as subescalas do ICF. Diante

disso, sugere-se a implementação de programas interventivos com enfoque familiar e parental voltados para o desenvolvimento adolescente protetivo.

Palavras-chave: Adolescência. Clima familiar. Pandemia da COVID-19.

FAMILY CLIMATE, PARENTING STYLES AND ADOLESCENT DEVELOPMENT IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

The objective was to verify association between the family atmosphere (positive and negative) and maternal and paternal styles through the Brazilian teenager perception in the COVID 19 pandemic context. It is a quantitative, cross-sectional, and correlational study, that is, focused on identifying statistical relationships between variables without establishing causality. A total of 504 Brazilian adolescents participated, aged 12 to 18 years ($M=15.00$; $SD=1.97$), who answered an online form composed of a sociodemographic questionnaire, the Parental Responsiveness and Demandingness Scale, and the Family Climate Inventory (FCI). Data analysis employed descriptive statistics, frequencies, Chi-square tests, Spearman's correlation, multiple linear regression, Mann-Whitney U test, and Kruskal-Wallis test. The main results indicated an association between positive and negative family climate and maternal and paternal parenting styles, as well as positive and negative correlations between the FCI subscales and parental demandingness, maternal responsiveness, paternal responsiveness, and combined responsiveness. In addition, maternal responsiveness was identified as a predictor of positive family climate. Finally, regarding comparisons, sociodemographic factors were found to influence significant differences among groups by gender, type of school, age group, regions of Brazil, and parents' occupations in relation to the family climate construct and the FCI subscales. Therefore, the implementation of family- and parenting-focused intervention programs aimed at protective adolescent development is suggested.

Keywords: Adolescence. Family atmosphere. COVID 19 pandemic.

CLIMA FAMILIAR, ESTILOS DE CRIANZA Y DESARROLLO DE LOS ADOLESCENTES EN EL CONTEXTO DE LA PANDEMIA DEL COVID-19

RESUMEN

El objetivo fue verificar la asociación entre el clima familiar (positivo y negativo) y los estilos maternos y paternos, a partir de la percepción de adolescentes brasileños en el contexto de la pandemia de COVID-19. Se trata de un estudio cuantitativo, transversal y correlacional, es

decir, orientado a identificar relaciones estadísticas entre variables sin establecer causalidad. Participaron 504 adolescentes brasileños, con edades entre 12 y 18 años ($M=15,00$; $DE=1,97$), quienes respondieron un formulario en línea compuesto por un cuestionario sociodemográfico, la Escala de Responsividad y Exigencia Parental y el Inventario de Clima Familiar (ICF). Para el análisis de los resultados se emplearon estadística descriptiva, frecuencias, pruebas de Chi-cuadrado, correlación de Spearman, regresión lineal múltiple, prueba U de Mann-Whitney y Kruskal-Wallis. Los principales resultados mostraron asociación entre el clima familiar positivo y negativo y los estilos maternos y paternos, así como correlaciones positivas y negativas entre las variables de las subescalas del ICF y la exigencia parental, la responsividad materna, paterna y combinada. Además, la responsividad materna fue identificada como predictora del clima familiar positivo. Finalmente, en cuanto a las comparaciones, se observó la influencia de factores sociodemográficos asociados a diferencias significativas entre grupos por género, tipo de escuela, grupo etario, regiones de Brasil y ocupaciones de madres y padres en relación con el constructo de clima familiar y las subescalas del ICF. Por lo tanto, se sugiere la implementación de programas de intervención con enfoque familiar y parental orientados al desarrollo adolescente protector.

Palabras clave: Adolescencia. Clima familiar. Pandemia de COVID-19.

INTRODUÇÃO

A família é considerada o primeiro contexto de desenvolvimento interpessoal de crianças e adolescentes (SENNA; DESSEN, 2012), na qual se estabelecem interações fraternas (entre os irmãos), interparentais (entre mães e pais) e filiais (entre mães, pais e filhos). As relações entre os membros podem ser analisadas sob diferentes óticas e construtos, sendo o clima familiar um importante indicativo do nível de saúde familiar, que compreende as percepções dos componentes da família sobre o relacionamento intrafamiliar de seus membros, resultando em um estado de bem-estar positivo ou negativo (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009). Por sua vez, uma forma de compreender as interações entre mães, pais e filhos, com foco na socialização, refere-se aos estilos educativos parentais. Esses estilos compreendem um padrão geral de interação baseado nas respostas comportamentais de mães e pais diante dos comportamentos dos filhos (TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004).

Sobre o contexto familiar e as relações parentais, estudos apresentam a família como uma instituição complexa, que pode apresentar diferentes características quanto à estrutura e às suas relações (DESSSEN, 2010; SENNA; DESSEN, 2012). Quanto aos estilos educativos parentais, a literatura aponta para uma classificação a partir do cruzamento de duas dimensões: exigência (e.g., supervisão, estabelecimento de expectativas de desempenho,

cobrança, monitoramento, disciplina consistente e contingente) e responsividade (e.g., diálogo, afetividade, apoio emocional, reconhecimento e respeito à individualidade do filho). Essas dimensões formam quatro estilos parentais: 1) negligente (baixa exigência e responsividade); 2) autoritário (alta exigência e baixa responsividade); 3) indulgente (baixa exigência e alta responsividade); 4) autoritativo/competente (alta exigência e responsividade) (TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004).

Tanto o clima familiar quanto os estilos parentais são influenciados por variáveis sociodemográficas (e.g., idade, gênero, configuração familiar, dentre outras) e por variáveis mais globais, como o contexto social, histórico, econômico e cultural em que a família está inserida (PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018; PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2012). Assim sendo, a pandemia da COVID-19 é considerada um evento estressor que impactou muitas famílias. De fato, produziu aumento de desafios frente à rotina familiar, que resultaram em novas combinações sobre os cuidados dos filhos e o compartilhamento das atividades domésticas (PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Além disso, muitas mães e pais defrontaram-se com mudanças no trabalho, incluindo perda de emprego, redução salarial e trabalho em *home office* (KERR et al., 2021). É importante destacar que as famílias foram impactadas de diferentes formas pelas consequências sociais, sanitárias e econômicas da pandemia (PRIME; WADE; BROWNE, 2020). Estudos nacionais também apontaram dificuldades nas relações parentais, resultando em um aumento considerável de práticas punitivas, nas quais crianças e adolescentes estavam mais suscetíveis a práticas de abuso, negligência, exploração e violência doméstica (FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA [UNICEF], 2020; LEVANDOWSKI et al., 2021).

À vista disso, uma pesquisa realizada nos Estados Unidos da América com 204 famílias avaliou problemas de comportamento (internalizantes e externalizantes) em crianças durante a pandemia da COVID-19. Os principais resultados indicaram diminuição da coesão familiar, aumento do conflito parental e das práticas punitivas com os filhos. Ademais, o sofrimento emocional de mães e pais anterior à pandemia apresentou relação robusta com os problemas internalizantes dos filhos (FOSCO et al., 2021).

Percebe-se que existe uma relação direta entre o clima familiar, estilos parentais e o desenvolvimento adolescente. Estudos reportados na literatura mostram que o clima familiar e as estratégias educativas utilizadas pelas mães e pais, associados a variáveis

sociodemográficas, podem expressar proteção ou risco ao desenvolvimento (PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018; PATIAS et al., 2018). Assim sendo, é importante contextualizar o cenário de pandemia no Brasil no momento da coleta dos dados, realizada entre janeiro e maio de 2022. Nesse período, a maioria das escolas da rede pública e privada já havia retornado ao regime presencial, exceto os estudantes que, por motivos médicos comprovados por meio de atestado, não poderiam retornar a tal regime de ensino. No entanto, era obrigatório o uso de máscaras, higienização das mãos e ventilação adequada dos ambientes (BRASIL, 2022).

Diante disso, este estudo objetivou verificar se há associação entre o clima familiar (positivo e negativo) e estilos maternos e paternos, a partir da percepção de adolescentes brasileiros no contexto da pandemia da COVID-19. Como objetivos específicos, buscou-se verificar se há correlações entre as subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) e as dimensões de exigência e responsividade materna, paterna e combinada, assim como investigar em que medida a exigência e a responsividade materna e paterna podem impactar o clima familiar positivo. Inclusive, buscou-se verificar possíveis diferenças no clima familiar positivo e negativo e nas subescalas do ICF por gênero, tipo de escola, presença de irmão(s) e faixa etária, bem como diferenças no clima familiar positivo e negativo por modalidades de ensino, regiões do Brasil, configurações familiares e ocupações de mães e pais.

MÉTODO

Delineamento e participantes

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal e correlacional (CRESWELL, 2010), optando-se pela abordagem quantitativa por permitir a análise de relações estatísticas entre variáveis mensuráveis, como o clima familiar e os estilos maternos e paternos, em uma amostra de adolescentes brasileiros. Participaram do estudo 504 adolescentes de todos os estados do Brasil, com idades entre 12 e 18 anos ($M = 15,00$; $DP = 1,97$), sendo 327 (65%) do gênero feminino e a maioria, 348 (69%), de escolas públicas. A maior participação de estudantes de escolas públicas não decorreu de critério prévio de seleção; as escolas foram identificadas por conveniência, a partir da rede de contatos institucionais do grupo de pesquisa, e também por meio de buscas aleatórias na internet. A amostra, portanto, foi

composta de maneira não probabilística, a partir da adesão voluntária dos adolescentes que aceitaram participar da pesquisa.

Quanto ao grau de escolaridade dos adolescentes, 128 (25%) eram estudantes do 3º ano do ensino médio, sendo que a maioria 388 (77%) estava estudando na modalidade presencial no momento da coleta de dados. No que se refere ao trabalho, 426 (84%) dos participantes não trabalhavam. Quanto ao estado de residência, a maioria 235 (47%) residia no Rio Grande do Sul (RS), provavelmente porque a pesquisadora, primeira autora, é do RS e divulgou o formulário em suas redes e contatos, o que resultou em maior adesão nessa região. Ressalta-se, entretanto, a importância de considerar as diferenças regionais na análise, visto que os resultados apontaram particularidades entre regiões do Brasil, especialmente no Sudeste, que apresentou maiores escores em clima familiar positivo em comparação às demais regiões.

Em relação à configuração familiar, 290 (57%) eram de famílias nucleares (pai, mãe e filhos), 77 (15%) eram de famílias monoparentais extensas femininas (mãe, avó e filhos), 33 (7%) eram famílias recasadas (mãe ou pai, madrasta ou padrasto e filhos do casamento atual e do anterior) e 104 (21%) enquadravam-se em outras configurações (tios, avós, primos, animais de estimação, dentre outros). Quanto aos irmãos, 403 (80%) dos adolescentes tinham irmãos, sendo que a maioria possuía um irmão 210 (42%), e a maioria dos irmãos era adulta 198 (39%).

Com relação à pandemia da COVID-19 e à convivência social naquele período, a maioria dos adolescentes 230 (46%) respondeu que esteve afastada de familiares com quem não residia e 355 (70%) responderam que estiveram afastados de amigos devido ao contexto da pandemia. Sobre a intensidade da restrição do contato com as pessoas durante a pandemia, a maioria dos adolescentes 247 (49%) relatou que ficou em casa a maior parte dos dias, saindo apenas para compras em supermercado, farmácia e para visitas de familiares próximos.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico, construído para o referido estudo, composto por questões de identificação dos adolescentes (e.g., gênero, idade, grau de escolaridade, tipo de escola, modalidade de ensino, se trabalhava, com quem morava, forma de trabalho da mãe/cuidadora e do pai/cuidador, se possuíam irmãos, quantos, faixa etária, em qual estado do

Brasil moravam). Ademais, os adolescentes foram questionados sobre o contexto da pandemia da COVID-19 (e.g., se houve afastamento de familiares, amigos e a intensidade das restrições de contato com pessoas).

Escala de Responsividade e Exigência Parental (TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004), possui 24 itens respondidos em escala *Likert* de cinco pontos. O adolescente indica sua percepção sobre a intensidade dos padrões de atitudes e comportamentos materno e paterno de forma separada. As 12 primeiras afirmativas se referem à dimensão de exigência parental, que inclui todas as atitudes de mães e pais que tendem a controlar o comportamento dos adolescentes, colocando-lhes regras e limites. Por sua vez, as 12 últimas afirmativas referem-se à dimensão responsividade parental, que indicam as atitudes compreensivas e afetivas das mães e dos pais para com os adolescentes.

A classificação dos estilos parentais, através das dimensões de exigência e responsividade, é realizada com base nos escores altos e baixos, por meio da mediana da amostra, considerando-se: (a) estilo parental negligente (baixos escores em responsividade e exigência), (b) estilo parental autoritário (altos escores na dimensão exigência e baixos escores na dimensão responsividade), (c) estilo parental indulgente (altos escores em responsividade e baixos escores em exigência) e, por fim, (d) estilo parental autoritativo/competente (altos escores nas dimensões exigência e responsividade). No estudo que avaliou as propriedades psicométricas do instrumento, os índices de *alfa* de *Cronbach* indicaram boa consistência interna, variando de 0,78 a 0,93 (TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004). Com relação ao referido estudo, o índice de *alfa* de *Cronbach* para a dimensão de exigência foi de 0,91, dimensão de responsividade de 0,96 e para a escala total 0,96, o que demonstra boa consistência interna.

Inventário de Clima Familiar – ICF (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009), é composto por quatro fatores: coesão – 5 itens (ex.: “As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas”), hierarquia – 6 itens (ex.: “Uns mandam e outros obedecem”), apoio – 5 itens (ex.: “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”) e conflito – 6 itens (ex.: “As pessoas criticam umas às outras frequentemente”). O ICF apresenta um total de 22 itens dispostos no formato *Likert* de cinco pontos, os quais avaliam as percepções de adolescentes acerca das características dos relacionamentos intrafamiliares.

Para avaliar o ICF total, utilizou-se o somatório do fator apoio e coesão (clima positivo, multiplicado por 1,2) com os pontos invertidos de conflito e hierarquia (clima negativo). Para o fator coesão, somou-se os itens 9, 14, 15, 17 e 19; para o fator hierarquia, somaram-se os itens 2, 3, 7, 16, 18 e 20; para o fator apoio, os itens 1, 6, 13, 21 e 22; e para o fator conflito, os itens 4, 5, 8, 10, 11 e 12.

Com a finalidade de obter o escore do clima familiar positivo, somou-se os itens da coesão e apoio (9, 14, 15, 17, 19 e 1, 6, 13, 21, 22), e para o clima familiar negativo, somaram-se os itens da hierarquia e do conflito (2, 3, 7, 16, 18, 20 e 4, 5, 8, 10, 11, 12). Os valores de *alfa* de *Cronbach* para cada construto, no artigo da escala, foram: coesão $\alpha=0,82$, hierarquia $\alpha=0,67$, apoio $\alpha=0,68$, conflito $\alpha=0,87$ e para a escala total do ICF a consistência interna do instrumento foi $\alpha=0,86$ (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009). No presente estudo, as análises de confiabilidade indicaram valores: coesão $\alpha=0,88$, hierarquia $\alpha=0,74$, apoio $\alpha=0,72$, conflito $\alpha=0,90$ e para a escala total ICF foi $\alpha=0,89$, indicando boa consistência interna.

Procedimentos éticos e coleta de dados

O presente estudo foi realizado após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (CAAE 28591119.0.0000.5346). A referida pesquisa constitui um recorte do projeto guarda-chuva “Clima escolar e familiar e sua influência no desenvolvimento do(a) adolescente”, vinculado ao Núcleo de Estudos em Contexto de Desenvolvimento Humano: Família e Escola (NEDEFE) do Programa de Pós-Graduação da UFSM. O objetivo geral do projeto guarda-chuva foi analisar a influência do clima escolar e familiar no desenvolvimento de adolescentes de escolas públicas e privadas do Brasil.

Os dados foram coletados *on-line* entre janeiro e maio de 2022. Os adolescentes foram contatados em escolas públicas e privadas do Brasil, por meio de correspondências (e.g., envio de *e-mails*), redes sociais (e.g., grupos de *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* vinculados ao grupo de pesquisa e contas da mestranda) e também pela técnica de bola de neve (*snowball*), em que os participantes interessados divulgaram a pesquisa a outros possíveis respondentes (VINUTO, 2014). As escolas foram selecionadas por conveniência, a partir da rede de contatos institucionais e acadêmicos do grupo de pesquisa, bem como por buscas

aleatórias na internet. Dessa forma, contemplaram-se instituições públicas e privadas de diferentes regiões do país.

No primeiro momento, foi enviado um convite que continha os objetivos do estudo e o *link* de acesso aos instrumentos. É válido destacar que os adolescentes somente respondiam aos instrumentos após a mãe/cuidadora e/ou o pai/cuidador concordarem com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os adolescentes com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), o qual estava disponível na página anterior ao acesso dos instrumentos. Os participantes puderam fazer *download* da segunda via dos termos em formato PDF.

Análise dos dados

As análises dos dados foram realizadas com apoio do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 2.0. Os testes de normalidade (*Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk*) demonstraram que as variáveis não apresentavam uma distribuição normal, de modo que deveria ser empregada estatística não-paramétrica. Para caracterização sociodemográfica dos participantes, foram realizadas análises descritivas: média, desvio padrão e de frequência. Ainda, foram realizadas análises descritivas: média, mediana, desvio padrão, máximo e mínimo para o inventário do clima familiar - ICF (total, positivo e negativo), para as subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) e para as dimensões de exigência, responsividade materna, paterna e combinada.

O teste de Qui-quadrado foi utilizado para verificar associações entre o clima familiar positivo e negativo com os estilos maternos e paternos (negligente, autoritário, indulgente e autoritativo/competente). Foi utilizada a correlação de *Spearman* para avaliar a relação entre as variáveis da subescala do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) com as variáveis de exigência, responsividade materna, paterna e combinada. Para as correlações, as dimensões de magnitude consideradas foram: fraca (0,10 – 0,30), moderada (0,30 – 0,50), forte (<0,50) (FIELD, 2018). Na sequência, empregou-se a regressão linear múltipla (método *forward*) com o objetivo de investigar em que medida as dimensões de exigência, responsividade materna e paterna podem predizer o clima familiar positivo.

O teste *U de Mann-Whitney* foi utilizado para verificar as diferenças entre os grupos: a) gênero (masculino e feminino); b) tipo de escola (pública e privada); c) irmão(s) (se tinham

ou não tinham irmão(s)); d) faixa etária (12 a 14 anos mais novos e 15 a 18 anos mais velhos) com o clima familiar positivo, negativo e as subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão). Além disso, realizou o teste de *Kruskall Wallis* para comparar os grupos: a) modalidades de ensino (presencial, híbrido e remoto); b) regiões do Brasil (norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul); c) configuração familiar (família nuclear, família monoparental feminina e família recasada); d) ocupação da mãe/cuidadora e do pai/cuidador (trabalho: em casa (*home office/teletrabalho*), trabalha fora de casa e não trabalha (com remuneração)) com o clima familiar positivo e negativo. Nos grupos em que foram constatadas diferenças estatisticamente significativas, aplicou-se o teste do tamanho de efeito (*r*), através do cálculo $r=Z/\sqrt{N}$ (por pares), tendo como parâmetros os seguintes valores: ($\leq 0,20$) pequeno, (0,50) médio e ($\geq 0,80$) grande (COHEN, 1988).

RESULTADOS

Inicialmente, foram realizadas análises descritivas das variáveis clima familiar total, positivo e negativo, subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) e das dimensões de exigência, responsividade materna, paterna e combinada (e.g., média, mediana, desvio padrão, mínimo e máximo), conforme apresenta a Tabela 1.

Tabela 1. Análises descritivas das variáveis

Variáveis	M	Md	D	Mín	Máx
ICF					
Clima familiar total	87,1	89,8	16,5	29,00	117,0
Clima familiar positivo	37,3	38,0	8,0	10,0	50,0
Clima familiar negativo	42,3	45,0	10,3	12,0	59,0
Subescalas do ICF					
Conflito	23,3	26,0	6,6	6,0	30,0
Hierarquia	18,9	20,0	5,0	6,0	30,0
Apoio	18,0	18,0	3,9	5,0	25,0
Coesão	19,2	20,0	4,7	5,0	25,0
Dimensão Exigência					
Materna	37,4	39,0	7,5	0,0	48,0
Paterna	30,3	33,0	12,4	0,0	48,0

Combinada	67,7	70,0	16,7	1,0	96,0
Dimensão Responsividade					
Materna	37,9	41,5	10,8	0,0	48,0
Paterna	30,5	34,0	14,0	0,0	48,0
Combinada	68,4	74,0	21,5	0,0	96,0

Nota: M - média; Md - mediana; D – desvio padrão; Min – mínimo; Máx – máximo

Foi realizado teste de Qui-quadrado com o objetivo de investigar a associação entre o clima familiar (positivo e negativo) e os estilos maternos e paternos (negligente, autoritário, indulgente e autoritativo/competente). Sobre o clima familiar positivo e os estilos maternos, foram encontradas associações significativas com o estilo negligente ($\chi^2(37) = 109,050, p < 0,001, \varphi = 0,465$), estilo autoritário ($\chi^2(37) = 54,622, p = 0,031, \varphi = 0,329$) e estilo autoritativo/competente ($\chi^2(37) = 86,434, p < 0,001, \varphi = 0,414$). Em relação ao clima familiar negativo e os estilos maternos, foram encontradas associações entre o estilo negligente ($\chi^2(47) = 60,970, p = 0,083, \varphi = 0,348$) e estilo autoritário ($\chi^2(47) = 66,527, p = 0,032, \varphi = 0,363$). Quanto ao clima familiar positivo e os estilos paternos, foram encontradas associações entre o estilo negligente ($\chi^2(37) = 92,223, p < 0,001, \varphi = 0,428$) e estilo autoritativo/competente ($\chi^2(37) = 99,759, p < 0,001, \varphi = 0,445$). Sobre o clima familiar negativo e os estilos paternos, foram encontradas associações entre o estilo negligente ($\chi^2(47) = 80,605, p = 0,002, \varphi = 0,400$), estilo autoritário ($\chi^2(47) = 78,005, p = 0,003, \varphi = 0,393$) e estilo autoritativo/competente ($\chi^2(47) = 69,222, p = 0,019, \varphi = 0,371$).

Foi utilizado o teste de *Spearman* para avaliar a correlação entre as variáveis das subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) com as variáveis de exigência, responsividade materna, paterna e combinada. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas, com magnitudes fraca e forte entre as variáveis. Os resultados estão sumarizados na Tabela 2 com os respectivos tamanhos de efeito (r^2).

Tabela 2. Correlações de *Spearman* entre as variáveis

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1. Conflito familiar	-									
2. Hierarquia familiar	,534** $r^2=0,285$	-								
3. Apoio familiar	,296** $r^2=0,087$,127** $r^2=0,016$	-							
4. Coesão familiar	,449** $r^2=0,201$,186** $r^2=0,034$,677** $r^2=0,458$	-						
5. Exigência materna	,133** $r^2=0,018$	-,157** $r^2=-0,025$,204** $r^2=0,042$,208** $r^2=0,043$	-					
6. Responsividade materna	,312** $r^2=0,097$,186** $r^2=0,034$,449** $r^2=0,201$,510** $r^2=0,260$,365** $r^2=0,458$	-				
7. Exigência paterna	,179** $r^2=0,032$,055 ^{n.s.}	,306** $r^2=0,094$,336** $r^2=0,113$,455** $r^2=0,459$,286** $r^2=0,081$	-			
8. Responsividade paterna	,298** $r^2=0,089$,187** $r^2=0,035$,438** $r^2=0,192$,480** $r^2=0,230$,293** $r^2=0,086$,516** $r^2=0,266$,633** $r^2=0,400$	-		
9. Exigência combinada	,179** $r^2=0,032$	-,099* $r^2=-0,009$,296** $r^2=0,088$,323** $r^2=0,104$,700** $r^2=0,49$,344** $r^2=0,118$,934** $r^2=0,872$,612** $r^2=0,374$	-	

Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.65 , p.<58-87>, Jul./Dez. 2025

<https://seer.unisc.br/index.php/barbaroi/index>

10. Responsividade	,343**	,220**	,496**	,555**	,348**	,768**	,584**	,924**	,598**	-
combinada	$r^2=0,118$	$r^2=0,048$	$r^2=0,246$	$r^2=0,308$	$r^2=0,121$	$r^2=0,589$	$r^2=0,341$	$r^2=0,853$	$r^2=0,357$	

Nota: * = $p < 0,05$; ** = $p < 0,01$; n.s. = relação não significativa; r^2 = tamanho de efeito

Foi realizada uma análise de regressão linear múltipla (método *forward*), com o objetivo de investigar em que medida as dimensões exigência, responsividade materna e paterna impactam no clima familiar positivo. Os resultados indicaram haver uma influência significativa da dimensão de responsividade no clima familiar positivo ($F(2, 501) = 144,037$, $p < 0,001$; $R^2_{\text{ajustado}} = 0,363$). A tabela 3 apresenta os coeficientes para os preditores significativos. A variável que mais fortemente impactou os escores do clima familiar positivo foi a responsividade materna, explicando 29,9% na variação dos escores do clima positivo. A variável responsividade paterna, por sua vez, esteve relacionada com apenas 6,6% da variância do clima familiar positivo. Já a dimensão de exigência paterna não apresentou impacto significativo ($B = -0,01$, $t = -0,024$, $p = 0,981$).

Tabela 3. Variáveis predictoras de clima familiar positivo

Preditores	Coeficientes padronizados		t	Sig.	R ²	ΔR ²
	Beta					
(Constante)	-		19,629	0,000	-	-
Responsividade materna	0,399		9,714	0,000	0,297	0,299
Responsividade paterna	0,297		7,243	0,000	0,363	0,066

A fim de verificar possíveis diferenças nos escores do clima familiar (positivo e negativo), subescalas do ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão), por gênero, tipo de escola, se tem irmão(s) e faixa etária, foram realizados testes *U* de *Mann-Whitney*. Em relação ao clima familiar positivo, negativo e as subescalas do ICF com o gênero, somente no clima familiar negativo e na subescala conflito foi encontrada diferença estatisticamente significativa, sendo que nestes, adolescentes do gênero masculino apresentaram maiores escores do que o gênero feminino. Quanto ao tipo de escola, somente na subescala conflito foi encontrada diferença estatisticamente significativa, sendo que, adolescentes de escolas públicas apresentaram maiores escores do que adolescentes de escolas privadas. Em relação aos adolescentes que tinham ou não tinham irmão(s), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$). Sobre a faixa etária, os adolescentes mais novos apresentaram maiores escores do que adolescentes mais velhos em clima familiar positivo e negativo e nas subescalas conflito, apoio e coesão. Os resultados das análises encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4. Valores das diferenças entre grupos no clima familiar positivo, negativo e nas subescalas do ICF

Características	ICF											
	Clima familiar positivo		Clima familiar negativo		Conflito		Hierarquia		Apoio		Coesão	
	Mean Rank	Teste <i>U</i>	Mean Rank	Teste <i>U</i>	Mean Rank	Teste <i>U</i>	Mean Rank	Teste <i>U</i>	Mean Rank	Teste <i>U</i>	Mean Rank	Teste <i>U</i>
Gênero												
Masculino	258,86	25407,500	268,44	23807,000**	271,87	23234,000**	259,65	25275,000	254,63	26114,000	260,53	25129,000
Feminino	241,70		236,80	<i>r</i> =0,20	235,05	<i>r</i> =0,12	241,29		243,86		240,85	
Tipo de escola												
Pública	245,87	24836,000	254,82	23902,500	257,99	22796,500**	248,15	22796,500	248,30	25682,000	244,19	24253,000
Privada	256,31		235,42		228,00	<i>r</i> =0,10	250,98		250,64		260,23	
Irmão(s)												
Não	251,37	20237,000	260,71	19522,000	249,43	20041,500	240,93	19183,000	252,66	20335,500	248,32	19929,000
Sim	252,78		250,44		253,27		255,40		252,46		253,55	
Faixa etária												
Mais novos	282,88	24402,500**	272,57	26505,500**	280,17	24955,500**	258,43	29389,500	271,22	26782,000**	288,39	23279,000**
Mais velhos	231,84	<i>r</i> =0,17	238,85	<i>r</i> =0,11	233,69	<i>r</i> =0,16	248,47		239,77	<i>r</i> =0,11	228,10	<i>r</i> =0,20

Nota: ** = $p < 0,01$; *r*= tamanho de efeito

Posteriormente, foi realizado o teste de *Kruskal Wallis* com o intuito de verificar se havia diferenças nos escores do clima familiar (positivo e negativo) por modalidades de ensino os resultados não foram estatisticamente significativos ($p > 0,05$). Ainda realizou-se o referido teste para o local de residência dos adolescentes, considerando-se as diferentes regiões do país. Apenas o clima familiar positivo apresentou resultado significativo ($H(4) = 19,501, p < 0,001$). Os achados indicaram que adolescentes residentes na região sudeste apresentaram maiores escores em clima familiar positivo quando comparados com adolescentes residentes na região nordeste ($z = -3,684; p < 0,001, r = 0,32$), na região centro-oeste ($z = -3,087; p < 0,001, r = 0,32$) e na região norte ($z = -3,019; p < 0,001, r = 0,30$).

O teste de *Kruskal-Wallis* também foi utilizado com intuito de comparar diferenças nos escores do clima familiar entre as diferentes configurações familiares (nuclear, monoparental feminina e recasada), o que não indicou resultados significativos ($p > 0,05$). Por fim, foi investigado se havia diferenças nos escores do clima familiar entre as diferentes ocupações das mães/cuidadoras e pais/cuidadores. Os resultados revelaram que as mães/cuidadoras que trabalhavam em casa (*home office*/teletrabalho), apresentaram maiores escores em clima familiar negativo quando comparadas com as mães/cuidadoras que não trabalhavam (com remuneração) ($H(2) = 6,855, p = 0,032$) ($z = -2,618; p < 0,001, r = 0,11$). Quanto à ocupação dos pais/cuidadores, os resultados apontaram que pais/cuidadores que trabalhavam fora de casa apresentaram maiores escores em clima familiar positivo quando comparados com pais/cuidadores que não trabalhavam (com remuneração) ($H(2) = 7,324, p = 0,026$) ($z = -2,690; p < 0,001, r = 0,13$).

DISCUSSÃO

No contexto nacional, parte da produção sobre estilos parentais corresponde a revisões de estudos já realizados, enquanto outra parte envolve pesquisas empíricas com amostras menores e concentradas em regiões específicas do Brasil, como ilustram os trabalhos de Paixão, Patias e Dell’Aglío (2018) e Patias et al. (2018). Nesse sentido, o presente estudo avança ao contemplar uma amostra numerosa e geograficamente diversa de adolescentes, o que permite identificar tanto convergências com achados prévios

quanto especificidades regionais, especialmente no contexto da pandemia. Em âmbito internacional, os resultados também dialogam com pesquisas que apontaram impactos significativos da COVID-19 nas relações familiares, como a diminuição da coesão e o aumento do estresse parental (FOSCO et al., 2021; PRIME; WADE; BROWNE, 2020).

Nesse quadro mais amplo, torna-se relevante observar como os dados descritivos da presente investigação se configuraram, permitindo comparações diretas com a literatura existente. Diante disso, ao considerar o construto de clima familiar de forma separada, verificou-se maior percentual na subescala conflito (23,3%), seguida da subescala coesão (19,2%), hierarquia (18,9%) e apoio (18,0%). Tais achados vão ao encontro de estudos realizados em períodos anteriores à pandemia, exceto para a subescala conflito, que apresentou um aumento significativo em seu percentual quando comparada a outros estudos (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009; TEODORO et al., 2014). Essa diferença pode estar atrelada ao contexto pandêmico, visto que muitas famílias vivenciaram a hiperconvivência familiar, aumento do estresse parental, reorganização da rotina familiar, entre outros eventos estressores (FOSCO et al., 2021; TREJO et al., 2020).

Assim sendo, a literatura apresenta que eventos estressores são considerados fatores de risco para o desenvolvimento adolescente (MARQUES et al., 2020). No que tange aos estilos parentais, percebeu-se que, apesar do contexto de pandemia, no referido estudo houve maior percentual de mães e pais com o estilo autoritativo/competente, seguido do estilo negligente, indulgente e autoritário. Esses resultados assemelham-se aos achados de uma pesquisa realizada com 296 adolescentes brasileiros, que demonstrou, conforme suas percepções, o estilo negligente, acompanhado do estilo autoritativo/competente, autoritário e indulgente (PATIAS et al., 2018).

Quanto às análises de associação entre os dois construtos, encontrou-se associação entre o clima familiar positivo e os estilos maternos negligente, autoritário e autoritativo/competente, e com os estilos paternos negligente e autoritativo/competente. Ainda, apontou-se que o clima familiar negativo se associa aos estilos maternos negligente e autoritário e aos estilos paternos negligente, autoritário e autoritativo/competente. Diante de tais achados, percebe-se uma relação entre o clima familiar e os estilos de cuidados de mães e pais. O clima familiar é o estado de

bem-estar positivo ou negativo resultante do relacionamento intrafamiliar, conforme a avaliação de seus membros (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009). Já os estilos maternos e paternos envolvem o contexto no qual ocorre a interação de mães, pais e filhos, sob influência de fatores históricos, sociais, culturais e econômicos (PATIAS et al., 2018). Essa interação é baseada nas características individuais de mães, pais e filhos (PATIAS; SIQUEIRA; DIAS, 2013) e nos princípios de relacionamentos familiares (por exemplo: poder, hierarquia, controle, apoio emocional, coesão, afeto e diálogo) (DARLING; STEINBERG, 1993).

Considerando-se os construtos investigados e o aporte teórico das escalas utilizadas para avaliar o clima familiar e os estilos maternos e paternos, pode-se pensar que, embora o clima familiar seja positivo, a relação parental pode ser baseada na exigência e responsividade ou na falta delas. Isso quer dizer que, possivelmente, outros fatores contribuem para o clima familiar positivo, como, por exemplo, as relações fraternas, relações com avós, tios, primos, entre outras. Tais relações são contempladas no instrumento de clima familiar, mas não na escala de responsividade e exigência parental.

Análise de correlação entre as variáveis da subescala do ICF com as dimensões de exigência, responsividade materna, paterna e combinada foram realizadas. Os resultados indicaram que a subescala conflito se correlacionou positivamente com as variáveis de exigência, responsividade materna, paterna e combinada, indicando haver uma tendência de que, quanto maior o conflito, maior é a exigência parental. O mesmo ocorreu com a responsividade de mães e pais, que também apresentou correlação positiva com o conflito.

Perante tais resultados, sugere-se, por meio das afirmativas da subescala conflito, que este engloba os comportamentos de todos os membros da família, podendo envolver relações familiares agressivas e conflituosas (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009). Já a exigência materna e paterna diz respeito ao controle do comportamento, sugerindo que as atitudes parentais de disciplina, monitoramento e orientação estão somente relacionadas aos filhos. A responsividade, por sua vez, refere-se a atitudes de mães e pais de apoio emocional, ajuda e comunicação na relação com os filhos (PATIAS et al., 2018). Nesse sentido, sugere-se que, em famílias permeadas de conflitos, as mães e os pais tendem a ser mais exigentes e responsivos

com a finalidade de mediar tais relações; contudo, esses resultados precisam ser melhor investigados por novos estudos.

Por sua vez, a subescala hierarquia se correlacionou negativamente com a exigência materna e combinada, sugerindo que altos escores na hierarquia demandam menor exigência materna e combinada e/ou altos escores em exigência sugerem menor escore em hierarquia. O construto hierarquia é compreendido como o nível de controle e poder existente dentro do grupo familiar, caracterizado pela “voz” das pessoas mais velhas, que geralmente tomam todas as decisões (por exemplo: mãe ou madrasta, pai ou padrasto, irmão(s) mais velho(s), avós, dentre outras pessoas que moram na mesma residência) (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009; TEODORO et al., 2014). O resultado diferencia-se das expectativas, devendo ser melhor avaliado por outros estudos, considerando-se que a hierarquia pode contemplar as relações fraternas e com padrastos e madrastas, para além das relações parentais.

Ainda sobre a hierarquia, esta se correlacionou positivamente com responsividade materna, paterna e combinada; no entanto, o tamanho do efeito foi pequeno, indicando haver pouca significância na correlação entre os dois construtos. Efetivamente, tal resultado difere das expectativas iniciais, nas quais esperava-se uma correlação negativa entre os dois construtos. A hierarquia, conforme Teodoro, Allgayer e Land (2009), possui função de autoritarismo (por exemplo: “os mais velhos mandam e os filhos obedecem”) e tende a ser prejudicial ao desenvolvimento adolescente, enquanto a responsividade é considerada um elemento importante para a educação de filhos (PATIAS et al., 2018; TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004). Sendo assim, os resultados devem ser analisados considerando-se que as escalas são de autorrelato e, portanto, estão sob a influência da percepção subjetiva dos adolescentes sobre os construtos. Tais achados indicam a necessidade de novos estudos, os quais contemplem, de maneira aprofundada, as percepções dos adolescentes acerca das relações familiares e da responsividade parental.

Em relação às análises de correlação, as subescalas apoio e coesão foram correlacionadas positivamente com a exigência, responsividade materna, paterna e combinada. Tal relação pode ser explicada pelo fato de que, nas famílias com melhores escores em apoio e coesão, as mães e pais tendem a supervisionar os comportamentos dos filhos, assim como buscam estar e fazer atividades com afeto, aspectos que ocupam

função de proteção ao desenvolvimento adolescente. O apoio e a coesão formam o clima familiar positivo, sendo que o apoio diz respeito ao suporte emocional e material recebido da família, enquanto a coesão refere-se à presença de harmonia ou vínculo emocional no contexto familiar (TEODORO; ALLGAYER; LAND, 2009). Assim, observa-se a relevância de mães e pais atuarem por meio da exigência como agentes socializadores mediante supervisão, orientação e monitoramento do comportamento dos filhos, associando tais práticas de educação com a responsividade pautada no carinho, comunicação e respeito à individualidade dos filhos (MACCOBY; MARTIN, 1983; TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004), os quais se relacionam com o clima familiar positivo.

O resultado da regressão linear múltipla indicou que a responsividade materna explica 29,9% da variação dos escores do clima positivo, enquanto a responsividade paterna explica apenas 6,6%. A literatura apresenta mudanças nos papéis de mães e pais na contemporaneidade; contudo, tais mudanças não ocorrem de forma abrupta e homogênea para todos os segmentos sociais. Dito isso, ainda é possível observar, em alguma medida, uma representação tradicional da mulher/mãe e do homem/pai, na qual a mãe é a grande responsável pela educação dos filhos, ao passo que o pai é visto como menos participativo e implicado com as funções educativas (MOZZAQUATRO; ARPINI, 2017). Por outro lado, estudos atuais sugerem que os pais se apresentam mais engajados com a educação dos filhos; porém, ainda é reforçado o papel social da mãe como cuidadora principal (MATOS; MAGALHÃES, 2019; TRAGE; DONELLI, 2020). Esses aspectos podem explicar o papel da responsividade materna no clima familiar positivo.

Acerca das comparações por grupos, o gênero masculino apresentou maior escore em clima familiar negativo e na subescala conflito do que o gênero feminino. Para corroborar esse achado, um estudo internacional realizado com 237 adolescentes, de ambos os gêneros, apontou diferenças significativas quanto à percepção dos adolescentes sobre o clima, sendo que as meninas apresentaram maiores escores na dimensão estabilidade familiar do que os meninos, assim como a dimensão agressividade foi maior na família dos meninos do que das meninas (MATALINARES et al., 2010). Outra pesquisa sobre o clima familiar e inteligência emocional encontrou que as meninas apresentam maiores escores em empatia e habilidades sociais do que os

meninos (RUIZ; ESTEBAN, 2018). Diante disso, presume-se, como hipótese, que as características individuais, tais como habilidade de comunicação, compreensão e empatia das adolescentes meninas, tendem a produzir uma melhor avaliação sobre o clima familiar. Dessa forma, tais diferenças podem estar associadas às características individuais, familiares e sociais relacionadas ao gênero dos adolescentes; porém, sugere-se que esses achados sejam melhor investigados por pesquisas futuras, principalmente qualitativas, com o intuito de compreender melhor essa relação.

Em relação às comparações por grupos, os adolescentes de escolas públicas apresentaram maiores escores na subescala conflito. Essa diferença entre adolescentes de escolas públicas e privadas pode estar associada a questões socioeconômicas, advindas do perfil dos estudantes dessas respectivas instituições que, embora não investigada, há uma tendência de que estudantes de escolas privadas possuam famílias com melhor remuneração. De fato, esses resultados estão de acordo com a avaliação realizada pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o qual aponta que estudantes de escolas privadas possuem maiores médias em nível socioeconômico do que estudantes de escolas públicas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA [INEP], 2019).

Nessa perspectiva, as famílias com menor renda e baixa escolaridade tendem a estar mais expostas a eventos estressores e, associadas a isso, podem utilizar estratégias menos funcionais quanto à resolução de conflitos. Dito isso, a pandemia da COVID-19 foi vivenciada de forma discrepante entre as classes sociais, visto que as famílias com menores condições econômicas, sociais e educacionais foram as mais afetadas (PRIME; WADE; BROWNE, 2020). Sugere-se que estudos futuros possam investigar essa relação de forma a explicar as diferenças entre os estudantes de escolas privadas e públicas.

Os adolescentes que tinham algum irmão não apresentaram escores diferentes no clima positivo, negativo e nas subescalas ICF quando comparados aos que não tinham irmão(s). Esse resultado contraria as expectativas iniciais, pois as relações fraternas impactam a dinâmica familiar. Sobre esse aspecto, a literatura indica que famílias numerosas e em vulnerabilidade social tendem a ter relações familiares conflituosas e maiores índices de agravos psíquicos, fatores esses que impactam diretamente o

desenvolvimento dos filhos (SOUSA et al., 2020). Para tanto, esse aspecto precisa ser melhor investigado em estudos futuros.

No que diz respeito à idade dos adolescentes, os resultados indicam que adolescentes mais novos (12 a 14 anos) apresentaram maiores escores em clima familiar positivo, clima familiar negativo e nas subescalas conflito, apoio e coesão do que adolescentes mais velhos (15 a 18 anos). As maiores médias nos escores da escala do clima familiar, exceto na subescala hierarquia, podem indicar a importância das relações familiares principalmente para adolescentes mais novos. A literatura sobre o tema tem indicado que, na medida em que os adolescentes ficam mais velhos, as mães e pais envolvem-se menos com os filhos, assim como utilizam menos o controle parental (TEIXEIRA; BARDAGI; GOMES, 2004). No entanto, muitas famílias podem experimentar dificuldades em comunicação, regras e convívio familiar devido às diferenças que permeiam as gerações (SILVA et al., 2020).

No que concerne às comparações por grupos, os resultados indicam que adolescentes residentes na região sudeste apresentaram maiores escores em clima familiar positivo, quando comparados com adolescentes residentes na região nordeste, na região centro-oeste e na região norte do Brasil. Diante desses dados, buscou-se conhecer algumas particularidades da região sudeste do Brasil. Essa região é composta por quatro estados: São Paulo (mais populoso), Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo; esses estados compõem o *ranking* dos 500 municípios mais desenvolvidos no que se refere à questão econômica, social e educacional (ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL [IFDM], 2018).

Ademais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) informou, por meio do Produto Interno Bruto (PIB), que a região sudeste é a mais desenvolvida na esfera da economia, correspondendo a 55,2% do PIB nacional. Considerando-se que as relações familiares são influenciadas por questões econômicas, sociais e educacionais, pode-se supor que as famílias que vivem nessa região possuem melhores condições para exercer a parentalidade de forma positiva, quando comparadas com outras regiões do país. De acordo com a literatura nacional e internacional, o contexto de pandemia da COVID-19 impactou muitas famílias de forma negativa, promovendo ajustes na rotina e nas práticas parentais (MAGALHÃES et al., 2020; TREJO et al., 2020). Contudo, tal situação pode não ter impactado o clima familiar das

famílias da região sudeste, conforme a percepção dos adolescentes que observam relações familiares pautadas na coesão e no apoio.

Ainda sobre as comparações por grupos, não foram encontrados resultados estatisticamente significativos no clima familiar por tipo de configuração familiar. Estes achados estão de acordo com um estudo nacional realizado com 359 adolescentes de 13 a 19 anos, que teve por objetivo investigar as relações entre violência intrafamiliar, clima familiar e sintomas de transtorno mental na adolescência. Nas análises de comparações por grupos entre as configurações familiares (por exemplo, família nuclear, família monoparental e família recasada) e o clima familiar, não foram observadas diferenças significativas, assim como não foi evidenciada correlação entre essas variáveis (PAIXÃO; PATIAS; DELL'AGLIO, 2018). Outro estudo encontrou o mesmo resultado, enfatizando que as relações que se estabelecem nas famílias são mais importantes para o desenvolvimento adolescente do que a configuração ou composição do grupo familiar (SBICIGO; DELL'AGLIO, 2012).

Em relação à ocupação de mães e pais durante a pandemia da COVID-19, os resultados das comparações por grupos apontam que as mães/cuidadoras que trabalhavam em casa (*home office*/teletrabalho) apresentaram maiores escores em clima familiar negativo quando comparadas com as mães/cuidadoras que não tinham trabalhos remunerados. À vista desses dados, pode-se sugerir que as mães que trabalhavam em casa (*home office*/teletrabalho) obtiveram maiores escores em clima familiar negativo devido ao aumento de atividade de trabalho associado às tarefas domésticas, educação e auxílio nas aulas e atividades escolares dos filhos, em contraposição às mães que não exerciam atividade remunerada.

Os estudos indicaram uma intensificação da jornada de trabalho feminino com a instauração da pandemia da COVID-19, na qual se observou uma sobrecarga de trabalho somada a atividades domésticas, educação de filhos e cuidados de pessoas idosas (MACÊDO, 2020; SILVA; CARDOSO; ABREU; SILVA, 2020). Também, outro estudo apontou que trabalhar remotamente era trabalhar sem previsão sobre o horário de término do expediente, com a rotina de estar em casa, mas sempre conectadas ao trabalho, o que produziu sofrimento psíquico e estresse em muitas mulheres trabalhadoras, donas de casa e mães (SCHMIDT et al., 2020). De maneira evidente, a

situação emocional das mães impacta a forma como estabelecem as relações com os filhos.

Sobre a ocupação dos pais, os resultados revelaram que os pais/cuidadores que trabalhavam fora de casa apresentaram maiores escores em clima familiar positivo quando comparados com pais/cuidadores que não tinham um trabalho remunerado. Posto isso, pode-se supor como hipótese que, no contexto da pandemia da COVID-19, muitas famílias perderam seus empregos (homens), situação que leva a uma queda na renda familiar, uma vez que famílias com menor renda tendem a ser mais vulneráveis a situações estressoras.

Além disso, muitas famílias estavam pouco habituadas a uma dinâmica com a presença do pai/cuidador em casa e/ou o próprio pai/cuidador não adaptado aos cuidados diários da casa e dos filhos. Esse cenário pode ter contribuído para piores níveis de coesão e mais conflitos familiares, fatores que contribuem para um clima familiar negativo. Estudos demonstraram que a pandemia da COVID-19 produziu uma rápida instauração de medidas de distanciamento social, sendo que muitas famílias ficaram por meses em suas casas. Tal cenário levou à perda de empregos e ajustes na dinâmica familiar, uma vez que desencadeou aumento do estresse parental, conflitos e hiperconvivência familiar (FOSCO et al., 2021; TREJO et al., 2020). Nesse sentido, é importante destacar que grande parte das famílias brasileiras ficou por quase dois anos convivendo, em sua maioria, com membros residentes da mesma casa e/ou familiares próximos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi realizado com o objetivo de verificar a associação entre o clima familiar (positivo e negativo) e estilos maternos e paternos, a partir da percepção de adolescentes brasileiros em contexto de pandemia da COVID-19. Os resultados indicaram haver uma associação entre o clima familiar (positivo e negativo) com os estilos maternos e paternos (negligente, autoritário e autoritativo/competente). De maneira geral, entende-se que existe uma associação; porém, não é possível inferir se tal associação é positiva ou negativa. Diante disso, faz-se necessária uma compreensão sobre os construtos avaliados, sendo que o clima familiar é mais geral, pois engloba as

relações com outras pessoas que residem na mesma casa, além das relações parentais. Os estilos, por sua vez, referem-se às atitudes e ao manejo de mães e pais para com os filhos. Logo, é preciso ter cautela na interpretação dos resultados, visto que as relações contempladas no instrumento de clima familiar não são as mesmas da escala de responsividade e exigência parental.

Ainda, foram encontradas correlações positivas e negativas entre as variáveis da subescala ICF (conflito, hierarquia, apoio e coesão) com exigência, responsividade materna, paterna e combinada. Tais resultados podem impactar de forma protetiva ou de risco o desenvolvimento adolescente, a depender do sentido da correlação. Contudo, salienta-se a necessidade de ponderação quanto à interpretação desses resultados, visto que algumas correlações apresentaram tamanho de efeito pequeno. Ademais, as análises apontaram que a responsividade materna foi evidenciada como preditora de clima familiar positivo, uma vez que fica evidente a função das mães como principais responsáveis pela educação dos filhos na contemporaneidade e sua importância quanto à manutenção das relações familiares de forma saudável.

As diferenças nas comparações por grupos chamam atenção para a influência de fatores individuais, sociais, familiares, históricos, econômicos e educacionais. Observou-se que os adolescentes do gênero masculino apresentaram maior escore em clima familiar negativo e conflitos familiares. Esses resultados podem estar relacionados a características individuais, à percepção dos meninos em relação às suas famílias, assim como à influência do contexto social no que se refere ao gênero masculino. Nessa concepção, quanto ao tipo de escola e às regiões do Brasil, percebeu-se que adolescentes de escolas públicas e de regiões menos favorecidas socialmente apresentaram maiores escores em clima negativo e na subescala conflito. Esses dados podem sugerir relação com aspectos econômicos e educacionais, visto que a realidade das famílias brasileiras é discrepante.

Quanto à faixa etária dos adolescentes, existe uma tendência de que, à medida que os filhos ficam mais velhos, haja menor investimento parental, maior autonomia e independência, o que repercute em um clima familiar mais positivo. Nesse sentido, sobre a ocupação de mães/cuidadoras e pais/cuidadores no contexto de pandemia, percebeu-se influência desse cenário atípico, em que muitas famílias presenciaram a modalidade de trabalho em *home office*, aumento das atividades de trabalho,

domésticas, cuidados com os filhos e o alto número de desempregos. Tais situações podem ter contribuído para maior percepção dos adolescentes sobre o clima familiar negativo.

No entanto, não foi encontrado resultado significativo em ter ou não irmão(s), contrariando a literatura que considera haver uma maior tendência de conflito de acordo com o aumento no número de irmãos. Além disso, não houve resultado significativo por configurações familiares. Isso indica que as relações entre os membros são mais relevantes do que a composição do grupo. Todavia, é importante destacar que tal resultado contrapõe uma expectativa social em relação às famílias de configurações não nucleares, visto que ainda existe a crença de que as famílias nucleares possuem maior funcionalidade e são mais saudáveis quando comparadas com outras configurações. De qualquer modo, famílias monoparentais precisam contar com uma maior rede de apoio a fim de suprirem as necessidades familiares e de seus filhos.

Contudo, os resultados devem ser interpretados com cautela, pois o estudo apresenta limitação quanto à pesquisa ter sido realizada na modalidade *on-line*, na qual adolescentes de níveis socioeconômicos desfavorecidos acabaram por não participar do estudo devido ao acesso restrito a dispositivos eletrônicos e à internet. Do ponto de vista da bibliografia já existente, esta investigação contribui ao oferecer dados robustos e de abrangência nacional, ainda pouco comuns em pesquisas brasileiras sobre clima familiar e estilos parentais. Além de confirmar tendências já descritas, o estudo amplia a compreensão ao evidenciar diferenças regionais e a influência de variáveis sociodemográficas em contexto de pandemia. Essa amplitude representa um avanço teórico e fornece subsídios práticos para políticas e programas de intervenção voltados às famílias e adolescentes. Sugere-se, entretanto, que futuras pesquisas possam integrar métodos mistos (quantitativos e qualitativos), de modo a aprofundar as implicações teóricas e ampliar as possibilidades de intervenção apontadas pelos achados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Recomendações:** Conselho Nacional de Saúde, 2022. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/recomendacoes-2022?start=20>. Acesso em: 31 de jan. 2023.

BRONFENBRENNER, U.; EVANS, G. W. Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. **Social Development**, v. 9 n. 1, 2000. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-9507.00114>. Acesso em: 22 de set. 2022.

COHEN, J. A power primer. **Psychological Bulletin**, v. 112, n. 1, p. 155–159, 1992. Disponível em: <https://doi.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0033-2909.112.1.155>. Acesso em: 16 de jun. 2022.

CRESWELL, J. W. Métodos quantitativos. In: J. W. CRESWELL. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 177-205.

DARLING, N.; STEINBERG, L. Parenting style as context: An integrative model. **Psychological Bulletin**, v. 113, n. 3, p. 487-493, 1993. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/1993-29246-001>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

DESSEN, M. A. Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, p. 202-219, Dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/R498b6yFx3wnG7ps8ndBFKb/?lang=pt>. Acesso em: 23 de set. 2022.

FIELD, A. Discovering Statistics Using SPSS (5th Ed.), SAGE: London. HUBERTY, C. J.; MORRIS, J. D. A single contrast test procedure. **Educational and Psychological Measurement**, v.48, p. 567-578, 2018.

FOSCO, G. M. et al. Family vulnerability and disruption during the COVID-19 pandemic: prospective pathways to child maladjustment. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, Jun 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34101185/>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Covid-19: crianças em risco aumentado de abuso, negligência, exploração e violência em meio à intensificação das medidas de contenção**. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-criancas-em-risco-aumentado-de-abuso-negligencia-exploracao>. Acesso em: 23 de set. 2022.

ÍNDICE FIRJAN DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL – IFDM. **Pesquisas e estudos socioeconômicos, 2018**. Disponível em: <https://firjan.com.br/ifdm/downloads/>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Produto Interno Bruto**, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Indicador de nível socioeconômico do SAEB 2019**, 2019.

Disponível em:

https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/indicador_nivel_socioeconomico_saeb_2019_nota_tecnica.pdf. Acesso em: 23 de jun. 2022.

KERR, M. L. et al. Parenting During COVID-19: A Study of Parents' Experiences Across Gender and Income Levels. **Family Relations**, Jul. 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/fare.12571>. Acesso em: 23 de set. 2022.

LEME, V. B. R. et al. Habilidades sociais e o modelo bioecológico do desenvolvimento humano: análise e perspectivas. **Psicologia & Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 181-193, Jan-Abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/9JK65ThKTvWd9htPq6b7nkN/?lang=pt>. Acesso em: 23 de set. 2022.

LEVANDOWSKI, M. L. et al. Impacto do distanciamento social nas notificações de violência contra crianças e adolescentes no Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/w9xDc35gk53mDz9MrX4nFfr/?lang=pt>. Acesso em: 23 de set. 2022.

MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. A. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: P.H. MUSSEN.; E.M. HETHERINGTON (Orgs.), Handbook of child psychology. **Socialization, personality, and social development**. 4ª ed., New York, Wiley, 1983. p. 1-101.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v.12 n.2, p.187-204, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 23 de jun. 2022.

MAGALHÃES, L. et al. Percepção de experiências marcantes do confinamento em famílias portuguesas e brasileiras: Um estudo qualitativo. **New Trends in Qualitative Research**, v. 9, p. 172-180, 2021. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/366>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

MARQUES, E. S. et al. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. **Cadernos de saude publica**, v. 36, n.4, p. e00074420, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/SCYZFVKpRGpq6sxJsX6Sftx/?lang=pt>>. Acesso em: 23 de set. 2021.

MATALINARES, M. et al. Clima familiar e agressividade em estudantes do ensino médio da região metropolitana de Lima. **Revista IIPSI**, v.13, n. 1, p. 109-128, 2010. Disponível em: <http://disde.minedu.gob.pe/handle/20.500.12799/1004>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

MATOS, M. G.; MAGALHÃES, A. S. Ser pai na contemporaneidade: demandas contraditórias. **Psicologia Revista**, v. 28, n.1, p. 151-173, 2019. Disponível

em: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/35588>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

MOZZAQUATRO, C. D. O.; ARPINI, D. M. Planejamento familiar e papéis parentais: o tradicional, a mudança e os novos desafios. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 923-938, 2017. Disponível

em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YHbftQd6ZRqS5M49BLysfKb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 de jun. 2022.

PAIXÃO, R. F.; PATIAS, N. D.; DELL'AGLIO, D. D. Relações entre violência, clima familiar e transtornos mentais na adolescência. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v.11, n. 1, p. 101-122, 2018. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000100009. Acesso em: 16 de jun. 2022.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 4, p. 981-996, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/G3mWcTWFjDksB4J7hbLNndP/?lang=pt>. Acesso em: 16 de jul. 2022.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e intervenção com pais: A educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Mudanças - Psicologia da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 29-40, 2013. Disponível

em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/MUD/article/view/3685>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

PATIAS, N. D. et al. How have parents raised their kids? Adolescent's perception of parental responsiveness and demandingness. **Psico-USF**, v. 23 n. 4, p. 643-652, Dec. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psuf/a/9KtPbkgkQhDbSMhtZr9BMDj/?lang=en>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

PRIME, H.; WADE, M.; BROWNE, D.T. Risk and resilience in family well-being during the COVID-19 pandemic. **American Psychologist**, v. 75, n. 5, p. 631-643, 2020. Disponível em: <https://doi.apa.org/fulltext/2020-34995-001.html>. Acesso em: 23 de set. 2022.

RUIZ, P.; ESTEBAN, R. F.C. Inteligência emocional, gênero e clima familiar em adolescentes peruanos. **Acta Colombiano de Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 188-211, 2018. Disponível

em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S012391552018000200188&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 23 de set. 2022.

SBICIGO, J. B.; DELL'AGLIO, D. D. Family environment and psychological adaptation in adolescents. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 25, n. 3, p. 615-622, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/dMNvV48BBCX5kHNV6xjmYLb/?lang=en>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

SCHMIDT, B. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estudos de Psicologia (campinas)**, v. 37, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/L6j64vKkynZH9Gc4PtNWQng/>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 101-108, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/fpKByLWpTT8BY4Yv9kRH6pB/?lang=pt>. Acesso em: 23 de set. 2022.

SILVA, A. C. P da. et al. Orientação Parental em Grupo com cuidadores de adolescentes: um relato de experiência. **PSI UNISC**, v.4, n. 2, p. 165-185, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/psi/article/view/14944>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, v. 8, n.3, p. 149-162, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

SOUSA, F. C. et al. Vulnerabilidade social em contextos de riscos naturais: uma revisão sistemática da literatura. **RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades–Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, v. 4, n. 2, p. 486-509, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7979>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

TEIXEIRA, M. A. P.; BARDAGI, M. P.; GOMES, W. B. Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. **Avaliação Psicológica**, v. 4, n. 1, p. 1-12, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712004000100001. Acesso em: 23 de jul. 2022.

TEODORO, M. L. M.; ALLGAYER, M.; LAND, B. Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 11, n. 3, p. 27-39, 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-3687200900030004. Acesso em: 23 de jul. 2022.

TEODORO, M. L. et al. Problemas emocionais e de comportamento e clima familiar em adolescentes e seus pais. **Psico**, v. 45, n. 2, p. 168-175, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5633333>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

TRAGE, F. T.; DONELLI, T. M. S. Quem é o novo pai? Concepções sobre o exercício da paternidade na família contemporânea. **Barbarói**, p.141-164, n. 57, 2020. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/14263>. Acesso em: 23 de jul. 2022.

TREJO, L. L. et al. Ajuste familiar durante la pandemia de la COVID-19: un estudio de díadas. **Revista de Psicología Clínica con Niños y Adolescentes**, v. 7, n. 3, p. 66-72, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7649334>. Acesso em: 23 de jun. 2022.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 16 de jun. 2022.